

Nessa edição, selecionamos diversos gêneros textuais sobre a condição feminina. A intenção, como uma caixa de Pandora às avessas, é provocar que surjam outras referências que fortaleçam nossas esperanças e ampliem o nosso olhar sobre a temática.

# DDHH

## Direitos Humanos na sala de aula

### Apresentação

### Datas Significativas

**Aprendi com as primaveras a me deixar cortar para poder voltar inteira.**  
(Cecilia Meireles)

**Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.**  
(Clarice Lispector)

**Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.**  
(Cora Coralina)

**É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta**  
(Simone Beauvoir)

**Oh! mãe, oh! mãe, nossa mãe, Abre o teu colo generoso parir, gerar, criar e provar nosso destino valoroso. são donas de casa, professoras, bailarinas, moças, operárias, prostitutas, meninas lá do breu das brumas, vem chegando a bandeira saúda o povo e pede passagem a mulher brasileira.**  
(Mulheres do Brasil, Joyce)

**Que uma mulher pode nunca nada Isto eu já sei  
É o grito da dona moral  
Todo dia no ouvido da gente  
É que eu estou pela vida na luta  
Eu também sei  
E meu caminho eu faço  
Nem quero saber que me digam dessa lei...**  
(Ser, fazer e acontecer de Gonzaguinha)

**A construção de um feminismo que incorpore as particularidades das mulheres negras, indígena, lésbicas, trabalhadoras do campo e da cidade, sem cair na fragmentação de suas identidades, mas articulando-as em torno de um projeto societário radicalmente emancipatório, segue sendo um grande desafio.**  
(Mirla Cisne)



Parodiando Ivan Lins, nesses novos tempos, "apesar dos perigos, da força mais bruta, da noite que assusta", estamos novamente junt@s para reafirmar nosso compromisso com uma educação pautada nos direitos humanos.

Nesse sentido, o lema de 2016 - "Direitos das mulheres: compromisso de todos/as!", tema que emergiu com força nas redes e movimentos sociais, nos convida a refletir sobre desafios, lutas e políticas públicas relativas aos direitos das mulheres e a construir práticas pedagógicas que afirmem a equidade de gênero e uma educação não sexista.

O cartaz do lema: "Direitos das Mulheres: Compromisso de Todos/as!" expressa os diferentes rostos de mulheres. Uns, marcados pela opressão e pela violência. Outros, revelando as dores e as delícias de ser mulher hoje. Destaque para a presença masculina e a diversidade étnica e geracional na luta pelos direitos das mulheres. Explorá-lo com seus alunos e alunas pode ser um bom início de conversa para trabalhar a temática desse ano.

Nessa edição, as diferentes seções reúnem elementos que buscam aproximar a escola das representações das crianças e adolescentes sobre os papéis e comportamentos masculinos e femininos, socialmente aceitos, questionar preconceitos e estereótipos e afirmar a importância das lutas e dispositivos legais que afirmam a igualdade de gênero.

Reafirmando nossas esperanças e convicções, retomamos a canção citada inicialmente, esperando que a gente continue a se encontrar nos diferentes espaços e atividades do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos.

#### Abril

- 02 Dia Mundial de Sensibilização para o Autismo e Dia Internacional do Livro Infante-Juvenil
- 07 Dia Mundial da Saúde
- 22 Dia Mundial da Mãe Terra (Dia da Terra)
- 28 Dia Mundial da Educação

#### Maio

- 01 Dia Mundial do/a Trabalhador/a
- 21 Dia Mundial para a Diversidade Cultural, Diálogo e Desenvolvimento
- 25 Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher e do Combate à Mortalidade Materna
- 29 Dia Internacional dos Construtores de Paz das Nações Unidas

### A Equipe

### Participe

Participe do Ciclo de Debates 2016, promovido pelo Movimento Socioeducativo - um espaço de reflexão e debates sobre educação e questões contemporâneas. Acompanhe também a divulgação das atividades pelo site da Novamerica - [www.novamerica.org.br](http://www.novamerica.org.br) Visite o site do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco - <http://observatorioedhmfoco.com.br> e curta a Fan Page Novamerica/Nuevamerica.

Participe, também, enviando sugestões de materiais, atividades pedagógicas e informes de eventos realizados nas escolas sobre a temática dos direitos humanos e do lema 2016 para divulgarmos na Fan Page e nesse boletim. O e-mail para envio é [escola@novamerica.org.br](mailto:escola@novamerica.org.br).



**NOVAMERICA**  
Programa Direitos Humanos  
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA  
Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030  
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033  
E-mail: [escola@novamerica.org.br](mailto:escola@novamerica.org.br)  
<http://www.novamerica.org.br>

**DDHH**  
Direitos Humanos  
na sala de aula

Editora: Susana Sacavino  
Texto Final: Silvia Maria F. Pedreira  
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff  
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca  
Equipe Responsável: Edileia Carvalho  
Marilena Guersola  
Marinauva de A. Souza  
Vera Maria Candau

NOVAMERICA 2016



# A Sala de Aula em Movimento

Cara educadora e educador, apesar de avanços, as relações entre homens e mulheres ainda são marcadas pela desigualdade e violência. Ninguém nasce sabendo ser homem ou ser mulher. Aprende-se a ser homem e a ser mulher na família, na escola, na igreja, através de representações simbólicas como a linguagem, os valores, os modelos etc. Em geral, as práticas educativas estão impregnadas de informações, ainda que sutis, que reforçam os papéis sociais de homens e mulheres: menino não chora, menina não briga, boneca é para menina, bola para menino.... Sem perceber reforçamos as desigualdades achando que estamos respeitando as diferenças. Nesse sentido, as atividades aqui propostas buscam afetar mentalidades e comportamentos no intuito de tecer relações mais equânimes e respeitadas.

## Temos Direito!

Prova que os direitos das mulheres são uma grande e recente mudança social é o fato de que, somente em 2002, o novo código civil, lei 10.406, regulamentou o princípio de igualdade entre homens e mulheres, estabelecido, em 1988, pelo art. V da Constituição. Esse novo código extinguiu formalmente a arcaica legislação de 1916, que estabelecia a “chefia da sociedade conjugal” a apenas ao homem. No código atual, entre outros avanços, mulheres e homens são iguais e podem opinar sobre todas as questões da família.

## Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

O que pensam os meninos e as meninas sobre os papéis sociais a eles atribuídos? A atividade visa desvendar as concepções dos/as pequenos/as, buscando desestabilizá-los de suas certezas para construir novas possibilidades.

- Iniciar a conversa com a pergunta: As meninas podem fazer tudo que os meninos fazem? E os meninos, podem fazer tudo que as meninas fazem? Porque sim? Porque não?
- Convidar as crianças a desenharem coisas que **as meninas podem fazer** e coisas que **as meninas não podem fazer** (usar folhas separadas para o pode e o não pode). Se as crianças já souberem escrever, pedir que façam uma frase explicando: as meninas não podem fazer tal coisa porque...; as meninas podem fazer tal coisa porque... Se ainda não, o/a professor/a poderá escrever por elas.
- Cada criança apresenta seus desenhos e explica porque pode ou porque não pode fazer isso ou aquilo.
- Organizar um painel com os desenhos separando em quatro grupos: (1) o que os meninos pensam que as meninas **podem fazer**; (2) o que as meninas pensam que elas **podem fazer**; (3) o que os meninos pensam que as meninas **não podem fazer**; (4) o que as meninas pensam que as elas **não podem fazer**.
- Se considerar conveniente, repetir a atividade para os meninos: coisas que os **meninos podem fazer** e coisas que os **meninos não podem fazer**.

Poderemos nos surpreender com a riqueza de representações sobre os papéis do masculino e do feminino que as crianças trazem. Fique atenta/o para discutir as contradições entre as visões dos meninos e das meninas. Procure refutar ideias depreciativas sobre as meninas (*menina não pode jogar futebol porque é fraca; menina não pode jogar futebol porque chora a toa*) ou ideias que reforcem a opressão do homem sobre a mulher (*menina não pode jogar futebol porque os meninos não deixam*). Reforçar a ideia de que os meninos e as meninas podem fazer as mesmas coisas, desde que desejem. Estas são apenas algumas questões. Diante das respostas dos/as alunos/as muitas outras surgirão.

## Ensino Fundamental Anos iniciais (4º e 5º)

Você já ouviu a frase “Lugar de mulher é na cozinha”? E seus alunos, suas alunas, será que a conhecem? Não há nada mais conservador, machista e discriminador do que expressões como esta, que desqualificam o papel da mulher na sociedade. A proposta da atividade é identificar o que se passa no imaginário de meninas e meninos sobre o lugar da mulher na sociedade, questionando estes lugares preestabelecidos.

- Convidar as crianças, em duplas ou trios só de meninas ou só de meninos, a completarem a frase Lugar de mulher é.... (usar uma filipeta de papel).
- Um a um os grupos apresentam sua frase em voz alta e colam a filipeta em folha de papel pardo.
- O/a professor/a convida as crianças a votarem se **concordam** com as frases apresentadas. Para isso, desenha duas colunas diante das frases e contabiliza os votos dos meninos e das meninas que concordam com cada uma das frases.
- A votação é uma oportunidade para colocar o conteúdo das frases em discussão, analisando se apresentam uma visão que reduz o papel social da mulher ou se apresenta uma visão que reconhece o valor e possibilidade da mulher na sociedade.
- Várias questões podem ser colocadas a partir da atividade:
- Quantas frases consideram a mulher com um papel puramente doméstico ou de cuidado?
- Quantas frases reconhecem a competência da mulher para exercer funções na política, nas empresas, na ciência?
- Apareceram frases pejorativas, que desqualificam e ferem? Quantas?
- Os meninos e as meninas votaram igualmente nas frases? Por que a visão dos meninos e das meninas é diferente em relação a algumas frases? E por que coincide em outras?
- Será que existe igualdade entre mulheres e homens?
- Se compararmos o tempo passado e o atual, o lugar da mulher mudou?

Finalizar a atividade com a reflexão de que os homens e as mulheres são iguais e devem ter os mesmos direitos. Por isso, meninos e meninas devem se opor aos comportamentos machistas e discriminatórios e lutar por um mundo mais igualitário.

## Ensino Fundamental Anos finais (6º e 7º)

Essa atividade favorece a compreensão de que as representações de masculino e feminino são construções históricas e culturais, desmitificando a tese do determinismo biológico para justificar a desigualdade entre homens e mulheres.

- Solicitar, previamente, que a turma selecione imagens de famílias em diferentes momentos da história do Brasil até os dias atuais. Importante que o/a professor/a também selecione cenas que retratem a família patriarcal, famílias de diferentes culturas, etnias e as novas configurações familiares.
- Organizar a turma em um grande círculo. Disponibilizar as imagens no chão e pedir que observem as semelhanças e as diferenças entre as famílias, destacando a composição familiar, o nível socioeconômico, as atividades, atitudes, gestos, expressões de cada membro representado.
- Favorecer a observação, indagando sobre qual modelo de família, classe social e etnia estão mais presentes nas imagens e quais tipos de família estão menos representadas ou ausentes nas imagens selecionadas. Estimular a turma a refletir sobre essas ausências e presenças, continuidades e mudanças.
- O importante é que percebam as mudanças e as continuidades ao longo do tempo nas representações de homens e mulheres.
- Ampliar a conversa, com exemplos de acontecimentos históricos, movimentos, instituições e dispositivos legais que contribuíram para as mudanças sociais e afirmação dos direitos das mulheres. Do mesmo modo, apresentar alguns dados sobre as desigualdades de gênero e violência contra a mulher no Brasil.
- Quando sentir que o debate já foi suficiente para sensibilizá-los/as, propor que, em grupos, utilizando diferentes linguagens (poesia, história em quadrinhos, música, desenhos, dramatização etc.), expressem o que gostariam de mudar nas relações entre homens e mulheres para afirmar a igualdade de gênero, quando formarem as suas famílias.
- Dar espaço para os grupos apresentarem suas produções para a turma.
- Ao final, comentar as confluências e diferenças presentes nas apresentações, destacando a importância da luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres para a construção de uma sociedade mais justa e feliz.

## Ensino Fundamental Anos finais (8º e 9º)

- Essa atividade discute a desigualdade entre homens e mulheres, tendo como foco a dupla jornada de trabalho da mulher.
- Convidar a turma para assistir o filme *Sonho impossível?*, curta divulgado pela ONU-Brasil, disponível no youtube, que aborda uma situação comum na vida das mulheres: trabalhar fora e assumir todo o trabalho doméstico.
- Durante a exibição, observar as reações da turma: risos, comentários, silêncios, cochichos, comportamento dos meninos e das meninas e outros aspectos que considere relevante para a discussão.
- Após a apresentação, organizar a turma em círculo e abrir para comentários sobre o filme. Perguntas que ajudam: O que sentiram ao assistir o filme? Que cenas e situações consideraram mais significativas? Que pensam sobre o comportamento do marido e da mulher? O filme tem alguma semelhança com a realidade de muitas famílias? De alguma maneira, corresponde à experiência pessoal de vocês? Caso os meninos e meninas revelem sentimentos e comentários muito distintos, aproveitar para aprofundar a reflexão sobre o tema.
- Aprofundar a discussão, apresentando alguns dados sobre as relações de gênero no mercado de trabalho e no trabalho doméstico.
- Fechar o debate, perguntando: *A igualdade de direitos entre homens e mulheres é “um sonho impossível”?*
- Solicitar que dêem exemplos que sabem ou vivenciaram que contribuíram para tornar esse sonho possível.
- Oferecer, também, exemplos de lutas, dispositivos legais e instituições que defendem os direitos das mulheres na sociedade brasileira hoje.
- Em seguida, distribuir meia folha de papel A4 em formato de flor e pedir que escrevam o sonho que gostariam de realizar para afirmar a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

## Mosaico

É inegável que vivemos hoje uma reação conservadora que ameaça os direitos sociais e de minorias, conquistados na Constituição de 1988.

Em relação aos direitos das mulheres e da população LGBTI, tramitam hoje na Câmara Federal projetos de lei que trazem graves ameaças (PL 478/2007, PL 5069/2013, PL 6583/2013).

Outra ameaça é o ataque ao conceito de gênero, categoria de análise fundamental para pensar a desigualdade entre mulheres e homens como algo socialmente construído e, portanto, passível de

mudança. Parlamentares e grupos conservadores ligados a vertentes religiosas conseguiram suprimir os termos gênero e orientação sexual do PNE e têm conclamado os pais para impedirem que o debate sobre gênero e sexualidade aconteça nas escolas.

A exclusão da perspectiva de gênero e orientação sexual nas escolas e nas políticas públicas além de impedir a construção de uma educação inclusiva, contribui para reduzir os altos índices de violências contra mulheres e a população LGBTI.

## Enriquecendo a Ação:

Vídeos, disponíveis no youtube:

- “Acorda Raimundo... acorda”. Embora, produzido em 1990, mostra as agruras de um homem ao ter que cuidar do lar.
- “Nós deveríamos todos ser feministas”, palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Literatura infantil e juvenil:

- O clássico de Ruth Rocha, “Faca sem ponta, galinha sem pé” Ed. Salamandra. Entre os vários e recentes lançamentos destacamos
- “Mulheres e os homens”, de Luci Gutiérrez, Coleção Boitatá, Ed. Boitempo.

Filmes recentes:

- *Malala.*
- *As sufragistas.*
- Para os/as professores/as, disponível na internet:  
➤ *Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*, organizado pela equipe do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ).
- Site do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero.